



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DOCTORADO EM HISTÓRIA

“Resistência indígena nos sertões nordestinos no pós-conquista territorial:

Legislação, Conflito e Negociação nas vilas pombalinas

1757-1823”

Orientador: Prof. Dr. Armando Souto Maior

Orientanda: Maria Idalina da Cruz Pires

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História

pela Universidade Federal de Pernambuco

como requisito parcial para obtenção

do título de Doutor em História.

Recife, 2004

Em memória à minha irmã Fátima,
que compôs na vida uma saga de amor e bondade.

À inteligência, à alegria, à simpatia
e ao amor incondicional que imprimiu a todos.

Aos seus méritos,
verdadeiramente humanitários,
deixados impressos na memória
de todos que tiveram o privilégio,
como eu, de tê-la amado.

RESUMO

Esta tese tem como principal objetivo discutir o processo de resistência dos povos indígenas no sertão da Capitania de Pernambuco e suas anexas, no período do pós-conquista territorial, que abrange a segunda metade do século XVIII e início do século XIX (1757 a 1823). Propõe reconstruir as várias formas de ação e reação desses povos ao colonialismo (conflito / negociação) a partir da fase pombalina, buscando compreender como agiram e reagiram à transformação dos seus aldeamentos em vilas (o que provocou alienação de suas terras por venda ou desapropriação). Explicar como os povos nativos conviveram com as demais forças sociais e com o Estado: suas instituições, leis e decretos. Ressaltar que as políticas indigenistas implementadas pela Coroa aos indígenas – Diretório Pombalino (1757), Direção (1758) e Carta Régia (1798) – ao mesmo tempo que gerou a igualdade formal, antes inexistente, possibilitou a legitimação de novas formas de utilização compulsória da mão-de-obra indígena conveniente à reprodução da sociedade pernambucana colonial. Analisar os resultados efetivos dessas políticas levando em conta o papel desempenhado pelos indígenas, buscando fazer interação entre as políticas indigenistas e as políticas indígenas na sociedade colonial. Enfim, entender, à luz da análise documental e historiográfica, como esses povos indígenas não apenas foram modificados como também se modificaram criando novas possibilidades de adaptação à sociedade colonial.

ABSTRACT

The chief goal of this dissertation is to address the issue of the resistance by Indians against colonial forces in the interior part of the northeast region (“sertão”) from 1757 through 1823. Several resistance strategies employed are presented and discussed in order to gain understanding on how they reacted to the charges that occurred in their villages we also explain how the Indians interacted with other social favorers and with the lead government. We argue that the policies implemented at that time led to new forms of using Indians as slaves, and we enlist the out comes of such policies. In short, we aim at analyzing the changes that took effect at the time regarding Indians in northeast Brazil and their relationship with the colonial state in place.

INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Arquivo da Torre do Tombo – Lisboa

Arquivo Histórico Ultramarino - Lisboa

Biblioteca da Ajuda – Lisboa

Biblioteca Nacional – Lisboa

Arquivo Nacional – Rio de Janeiro

Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – Recife

Divisão de Pesquisa do Programa de pós-graduação de Histórica da UFPE

Biblioteca Central da UFPE

ABREVIATURAS

AHU	Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)
ACL	Arquivo Central de Lisboa
CU	Conselho Ultramarino
Cx	Caixa
fl	folha
v	verso
D	Documento
C.P	Coleção Pombalina
TT	Torre Do Tombo
BNL	Biblioteca Nacional De Lisboa
ANRJ	Arquivo Nacional do Rio de Janeiro
APEJE	Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
OR	Ordem régia
OG	Ofícios do governo
CC	Correspondência da Corte
Ord	Ordenança
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
RIHGB	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
BNRJ	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, corroboraram para a realização desta tese de Doutorado.

Ao meu orientador Professor Doutor Armando Souto Maior, por sua competência e pelo estímulo em todos os momentos de elaboração deste trabalho. Sua sabedoria e bondade não serão, jamais, esquecidas.

Ao Professor Doutor Ronaldo Vainfas pela presteza, gentileza e informações preciosíssimas. Crítico arguto cedeu ricas sugestões ao trabalho. Seu apoio teórico e fraterno foi fundamental. É para mim, o maior “*referee*”.

Aos Professores Doutores Gabriela Martin, Socorro Ferraz, Marc Jay Hoffnagel e Marcos Carvalho pelos atendimentos prestados no Curso de Doutorado.

Ao Professor Doutor Ricardo Pinto pela colaboração em vários momentos desta tese, cedendo documentos, livros e informações.

Às Professoras Doutoradas Maria Regina Celestino de Almeida e Patrícia Maria Melo Sampaio pelo apoio prestado, enviando generosamente suas teses para estudo.

A Hildo pelo acolhimento no APEJE ajudou-me a “colher” os documentos, cedendo seus escritos e muitos de seus materiais de pesquisa particulares.

A Érika que recebeu-me no Arquivo Histórico Ultramarino. Agradeço sua atenção para comigo. Graças aos seus préstimos consegui armazenar grande quantidade de documentação em Portugal.

A Lana, Douglas e principalmente Ana Maria pela transcrição paleográfica de alguns documentos.

As funcionárias Luciane, Marli e Carmem pela forma atenciosa de atendimento na secretaria do curso.

A Luís Manuel, colega desde os tempos de mestrado, que no reencontro neste doutorado, reiterou respeito e admiração.

Aos alunos das 7^a e 8^a séries e ao colega Tarcísio, do Colégio de Aplicação, representando o grupo que “torceu a favor” para conseguir terminar o curso de doutorado.

Ao grupo “nós 7”, pela amizade de todas as horas e união eterna.

Aos meus amados pais, Claudino e Idalina, pelos valores transmitidos e, sobretudo, pelo amor incondicional recebido.

Às minhas irmãs Cláudia e Izabel que sofreram e vibraram comigo neste longo percurso de finalização do texto.

Aos meus queridos sobrinhos Daniel, Marcela, Rafael, Raquel, Maria Eduarda e João Gabriel, pelo carinho transmitido.

A Sylvio, meu companheiro de muitas jornadas e belas andanças. Minha companhia por esse e pelos próximos caminhos. É a pessoa mais digna de meu agradecimento. “Navegar é preciso, viver não é preciso...”



Um agradecimento especial.

Em 25 de agosto de 2003 minha irmã Fátima faleceu. Um pedaço de mim se foi com ela e não existe mais. Difícil continuar vivendo sem ela. Terminar esta tese significou a certeza que sobrevivi. Em vida, ajudou-me, efetivamente, transcrevendo textos e discutindo alguns assuntos referentes à temática. Era quem iria fazer a revisão gramatical do texto, infelizmente não deu tempo. Faltaram as suas palavras neste trabalho, mas veio dela a força espiritual que precisei para finalizar esta etapa de minha vida. A ela dedico esta tese.

SUMÁRIO

Resumo	p. 3
Abstract	p. 4
Instituições Pesquisadas	p. 5
Abreviaturas	p. 6
Agradecimentos	p.7
Apresentação	p.12
Introdução	p.14
Capítulo 1: A resistência indígena: entre a memória e o esquecimento	p.26
1.1. Abordagem teórico-metodológica	p.32
A Etnohistória	p.36
1.2: Uma Reflexão Historiográfica: bibliografia e pesquisas sobre o tema	p.42
Capítulo 2: Os sertões e os Tapuias: espaços de resistência e recriações de identidade étnica	p.53
Capítulo 3: A violência dos contatos	p. 72
A história dos vencedores	p. 74
Os missionários	p. 75
Os Diretores	p. 84
Os bandeirantes	p. 91
Violência camuflada	p. 94
3.1: Guerras bélicas e guerras simbólicas: estratégias de resistência dos povos indígenas no sertão nordestino, na época pombalina	p.98

	p. 104
Do povoamento à conquista	
Da conquista ao pós-conquista territorial	p. 110
Nem vítimas, nem heróis	p. 125
Capítulo 4: As Vilas Pombalinas: Núcleos Planejados – Espaço de Conflitos e Negociações	p.128
A administração pombalina	p.128
Pombal x Jesuítas: conflitos entre duas concepções de mundo	p.129
Vilas: núcleos urbanos planejados	p.133
O caso de Porto Seguro	p. 141
O caso da Capitania de Pernambuco e suas anexas	p. 143
Capítulo 5: A política indígena e indigenista no período pombalino e o “vazio de legislação”	p. 179
5.1: Revisão Historiográfica sobre o Diretório e sobre a carta de 1798	p. 199
5.2: Um estudo sobre “ <i>A Direção Com Que Interinamente Se Devem Regular Os Índios Das Novas Vilas E Lugares Eretos Nas Aldeias Da Capitania De Pernambuco E Suas Anexas</i> ”	p.204
Conclusão	p.221
Fontes e Bibliografia	P 225

*“Se amar, aliás, é lembrar (...)
escrever sobre esse amor é,
por sua vez, procurar na memória as palavras que possam dar voz,
de modo completo, a essa <fantasia>“.*

A HISTÓRIA: entre memória e invenção. Coordenação de Pedro Cardim. N 3.

Publicações Europa-América. Edição n 155153/6953 fevereiro de 1998 p.71

APRESENTAÇÃO

Faz parte da natureza humana a busca eterna pela sobrevivência. Muitas vezes resistir às intempéries da vida proporciona força e sabedoria. É difícil quantificar e muito menos qualificar quantas perdas um ser humano é capaz de suportar. Talvez baste apenas uma para irromper o desejo de continuar a sonhar.

A história que será apresentada é a de muitos povos indígenas habitantes no sertão da Capitania de Pernambuco, na era pombalina, que reinventaram seus sonhos resistindo às inúmeras violências cometidas contra eles pelos colonizadores, desde o século XVII, quando estes repovoaram a região. Sobreviveram às guerras de extermínio (“Guerra dos Bárbaros” - 1650-1720), às torturas, ao desgaste do trabalho escravo, à virulência das enfermidades trazidas pelos europeus, e à dor da perda de seus mortos. Suportaram a pressão dos fazendeiros que se apropriaram de suas terras sagradas que foram maculadas pelos que visavam apenas o lucro comercial. Agüentaram as mudanças impostas de seus hábitos, costumes e atitudes. Sofreram pela imposição da língua, vestimenta, moradia, religião. Aturaram as mais cruéis formas de violência física e cultural. Toleraram a desmoralização de suas crenças pela catequese bem como o fracasso de suas próprias tentativas de encontrar um lugar e um papel no mundo dos "não-índios". Não se deixaram resignar pela tragédia acometida pelos seus parentes ao longo de séculos.

Apesar da dor, persistiram em viver, ora combatendo ora negociando. As suas ações e reações marcaram a tentativa de compreenderem sua alteridade num processo onde as suas percepções subjetivas tornaram-se consciência da condição de ser índio no Brasil colonial.

Muito embora a memória dos índios esteja ligada quase que exclusivamente a oralidade e, sobretudo, a tentativa dos colonizadores e da historiografia oficial em silenciá-los e/ou excluí-los como sujeitos ativos da história, é possível resgatar as suas queixas contra a espoliação sofrida aos poderes constituídos, as suas reivindicações pelo direito aos seus territórios, costumes e fé e inclusive, também, sua adaptação ao sistema colonial.

Mesmo sabendo que a sociedade, durante muitos séculos fez ouvidos moucos e os tratou como os tratava na legislação, na literatura, e na discussão política esses povos nominados e inominados construíram uma história singular e complexa provando que deixaram inscritas suas ações como participantes ativos da vida social no Brasil colonial.

Esta tese procura, finalmente, responder a pergunta: como os povos indígenas dos sertões da Capitania de Pernambuco e suas anexas sobreviveram, apesar das desfavoráveis condições de vida oferecidas no contexto da sociedade colonial, da era pombalina?